

# A INFLUÊNCIA DA SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA NO SEU DESENVOLVIMENTO MORAL<sup>1</sup>

Neurilane Dias de Lima Ferreira<sup>2</sup>  
Patrícia França Neto Freitas<sup>3</sup>  
Ariadne Dettmann Alves (Orientadora)<sup>4</sup>

## RESUMO

Objetiva-se por meio deste artigo, analisar o tema relacionado a influência da socialização no desenvolvimento moral das crianças. Pois hoje entende-se a criança como um ser dependente de cuidados e afeto para que haja evolução em seu crescimento e desenvolvimento cognitivo e moral. Apresentar-se-á uma revisão literária, a partir de literaturas que fazem referência a psicologia da moralidade, desenvolvimento moral e processos de socialização. Para chegar aos resultados foi feito busca na base de dados eletrônicos da Scielo, valendo-se como fatores de inclusão, artigos dos anos de 2009 até 2019 pelos descritores: valores morais, socialização, psicologia da moralidade, desenvolvimento e influências sociais. Encontramos um total de 953 artigos, sendo incluídos a partir dos títulos 109. Destes, com a leitura dos resumos 37 foram selecionados e separados por tópicos, como: família, escola, família/escola, socialização, desenvolvimento moral e outros, dentre estes, 15 artigos tiveram relação com o tema proposto. Entre tantas relações, ao longo do desenvolvimento humano, abordou-se com maior ênfase a família e a escola, por considerar estas como elos ativos que influenciam na formação sócio moral da criança. Ao analisar as teorias de Piaget e Kohlberg, ambas consagradas no que diz respeito ao desenvolvimento moral, pode-se verificar o quanto a socialização é importante para o desenvolvimento moral infantil. Além de entender que a compreensão de como se dá o processo de cada fase do desenvolvimento moral infantil, poderá ser de grande auxílio para pais e educadores. Tal como para profissionais da psicologia que atuam junto ao público infantil, principalmente no que tange avaliação e diagnóstico. Assim é de extrema importância que os atores

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia da Faculdade Doctum de Serra.

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia. E-mail: neurilane@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia. E-mail: patricianetofreita@gmail.com

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia, professora orientadora, Faculdade Doctum.

envolvidos nas interações da criança estejam engajados em compreender os diversos fatores presentes no desenvolvimento moral dos pequenos, dando-lhes suporte para que alcancem eficazmente a autonomia que precisam para contribuir e viver em sociedade.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento moral, socialização, família, escola, crianças.

## **ABSTRACT**

This research analyzes the influence of socialization on the moral children development. Children are understood as a being dependent on care and affection, to evolute growth, cognitive and moral development. A review will be presented, about literatures of psychology of morality, moral development and socialization processes. From Scielo's electronic database, using as inclusion factors articles from 2009 to 2019 by the descriptors: moral values, socialization, psychology of morality, development and social influences, was found what was needed to create this article. The search result was a total of 953 articles, including 109 titles, where 37 were selected and separated by topics: family, school, family / school, socialization, moral development and others, among them, 15 articles were related to the proposed theme. In many relationships, throughout human development, family and school were approached with bigger emphasis, considering these as active links that influence the social moral formation of children. Analysing Piaget and Kohlberg, both consecrated when the subject is moral development, shows how important socialization is to children's moral development. In addition to understanding the process of each phase of child moral development can be helpful to parents and educators, as for psychology professionals who work with children, especially regarding evaluation and diagnosis. Is really important who is involved in child's interactions are engaged in understanding all factors present in moral development of them, supporting them to effectively achieve the autonomy they need to contribute and live in society.

**Keywords:** Moral development, socialization, Family, school, children.

## INTRODUÇÃO

A compreensão da criança como ser social é recente, uma invenção da Modernidade, como descreve Ariès (1981), o conceito infância surgiu após o aprimoramento da escrita, o estabelecimento da escola e do aumento da taxa de sobrevivência entre os nascituros. Antigamente, juntamente com as mulheres, as crianças eram vistas como um ser inferior, sem qualquer direito em relação aos adultos. De acordo com Ariès (1981) a criança, logo que apresentava certa independência física, era introduzida no mundo adulto, tendo com isso uma infância curta, não passando pelas fases infantis que temos hoje. O sentido de infância, o cuidado com a educação moral e pedagógica, as interações da criança no meio social, são princípios da era moderna.

Foi a partir do final do século XVII, que se deu a ideia de que a criança não era preparada para a vida adulta precisaria de um regime especial. Foi aí que a palavra infância passa denotar o sentido que tem hoje, como sendo um período que vai do nascimento aos doze anos em média. Passando por várias mudanças sob aspectos palavra infância, enfim, aproximava-se do sentido moderno. As mudanças eram realizadas sob diferentes fatores. Primeiro, aconteceu o que Ariès (1981) denomina de paparicação, onde a criança tinha um tratamento de como se fosse um entretenimento para os pais, iniciando assim diferenciação de forma de tratar uma criança, ou seja, existia nesse primeiro momento um sentimento superficial. Passando para a privatização, onde as famílias passaram estar mais no espaço familiar, o que hipoteticamente, aumentava o convívio e vínculo, isto é, "a família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre cônjuges e entre pais e filhos, algo que não existia antes" (ARIÈS, 1981, p. 11). Apesar de soar estranho na atualidade, até o século XVII, o amor dos pais para com os filhos não era notório.

A partir da descoberta das particularidades da infância é que o afeto surge, e quando se descobre um mundo próprio e autônomo da infância, surge o afeto pela criança e desse momento em diante é que nasce, nos pais, a preocupação com fatores como saúde e educação dos filhos. Há um interesse pela comunicação da criança, pela forma como mãe e filho se comunicam, entre outras questões, como o

pudor, que fez com que as crianças fossem aos poucos se afastando do mundo adulto (ARIÈS 1981).

Destaca-se, no entanto, que mesmo com o entendimento da diferença entre ser criança e ser adulto, a infância não tinha a ideia de inocência. Ariès (1981) discorre que a noção de inocente referente a criança, nasceu a partir da literatura pedagógica, o que contribuiu para explicar a importância de preparar a criança para ser um adulto. Surgindo assim a necessidade de uma educação para este fim.

De acordo com Piaget (1994) o indivíduo ao nascer é inserido em algum grupo social que o acompanha e passa a ser fonte de várias informações a qual usará ao longo da vida. E o meio social age sobre o ser humano, modificando seus pensamentos, propondo novos valores e transformando-o (PIAGET, 2013). Ou seja, ao nascer, o indivíduo passa a fazer parte de um contexto previamente organizado. E por volta dos dois anos de idade, em média, que se dá início o desenvolvimento moral da criança.

A respeito do desenvolvimento moral Piaget (1994) declara que a participação de adultos é de extrema relevância para que as crianças se desenvolvam moralmente, a fim de se relacionarem bem consigo mesmo e com os outros em sociedade.

Baseado em Coll, Marchesi, Palacios (2004) entende-se que o desenvolvimento de uma criança está relacionado com os procedimentos de educação e socialização da mesma. Dessen e Polonia (2007) consideram que a família e a escola integram os dois principais meios de interação e desenvolvimento humano da sociedade. Tanto uma, quanto a outra tem a responsabilidade de estimular progressos evolucionais nas pessoas, com grande relevância para o progresso físico, social, emocional e intelectual.

A família é, em sua maioria, conforme Dessen e Polonia (2007), é o ambiente social que pode assegurar à criança bem-estar e proteção. Tendo “impacto significativo” e relevante influência em seu comportamento, em sua forma de ver o mundo, como também na construção das suas relações sociais. “A família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo” (DESSEN; POLONIA, 2007, p 22), também é aquela que dá início à mediação entre o homem e a cultura. As autoras consideram a família como “a matriz da aprendizagem humana, com

significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva” (DESSEN; POLONIA, 2007, p 22).

Para Dessen e Polonia (2007) são as vivências em família que constitui o aprendizado comunitário e individual, organizando e estruturando tanto a subjetivação quanto a interação social do indivíduo, preparando o mesmo para sua atuação nos demais ambientes. De acordo com as interações que a criança estabelece com outros, constrói seus valores.

Araújo (2007) defende que a formação moral deve proporcionar aprendizagens éticas, ou seja, deve possibilitar ao sujeito aprender a viver: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a participar e aprender a habitar o mundo. E de acordo com Barrère e Sembel (2006) a família como primeiro grupo social da criança se torna responsável por inseri-la em outros grupos. Como por exemplo; a escola, que por sua vez contribui não apenas no desenvolvimento cognitivo, mas também nos valores morais auxiliando na socialização desta através de suas interações com outras crianças, professores, auxiliares entre outras pessoas. Ou seja, a escola tem importância fundamental no processo de constituição de habilidades sociais infantis. Entende-se que no processo de socialização, as crianças fazem um reconhecimento de seus interesses partindo de sua inserção ativa nos diversos grupos da sociedade. Para Mielnik (1977) é no pertencimento aos grupos sociais, que o sujeito constrói valores e normas que formam sua identidade social.

De acordo com Veloso, Veiga e Paiva (2018) é a partir das interações e vivências com os outros que o indivíduo tem sua identidade definida e se percebe como ser humano e ser social, identificando e formando sua subjetividade. E na medida que que essas percepções vão se aperfeiçoando, o indivíduo passa a dar significado relevante as interações estabelecidas com os outros. Tanto o núcleo familiar como escolar, requer muita atenção, já que a interação indivíduo-família, indivíduo-escola é importante para socialização da criança em seu desenvolvimento como pessoa.

Diante do exposto, busca-se com este artigo compreender a influência da socialização da criança em seu desenvolvimento moral. A partir deste objetivo, apresentar-se-á uma revisão de literatura, no qual Marconi e Lakatos (2017) compreendem como estágio preliminar de todo e qualquer trabalho acadêmico e científico, com o propósito de agrupar informações no sentido de servir como

sustentação para composição da averiguação de certo assunto. Revisão esta que servirá de base para a construção da investigação proposta a partir de determinada asserção. Para este fim foi feita busca nas bases de dados da Scielo, utilizou-se como fator de inclusão, artigos dos anos de 2009 até 2019 pelos descritores: valores morais, socialização, psicologia da moralidade, desenvolvimento e influências sociais. Encontramos um total de 953 artigos, sendo incluídos a partir dos títulos 109, destes, com a leitura dos resumos 37 foram selecionados e separados por tópicos, como: família, escola, família/escola, socialização, desenvolvimento moral e outros. Destes, 15 artigos tiveram relação com o tema proposto. Para produção deste considerar-se-á também os vários questionamentos referentes às influências que as crianças têm recebido das pessoas que as rodeiam.

## **DESENVOLVIMENTO MORAL**

Puig (2007) afirma que a origem da moralidade está no fato dos seres humanos nascerem com certo inacabamento devendo, portanto, definir-se a partir das possibilidades que são inerentes a condição humana.

La Taille (2019) afirma que a entrada da criança no universo da moral, se dá através da aprendizagem de valores, em suas interações com os pais e com os adultos em geral. E segundo Berger

Os valores começam a se desenvolver por volta dos 2 anos e continuam a se modificar durante o decorrer da vida. A infância, entretanto, é a época em que os valores morais são ensinados, os princípios éticos são testados e as crenças religiosas são afirmadas (BERGER, 2016, p. 216).

Ao pensar a construção de valores, Araújo (2007) diz que valor moral depende das experiências de cada indivíduo, ou seja, o contexto que este encontra-se inserido e as várias possibilidades, caracterizando esse valor como incerto e indeterminado. Para Araújo (2007, p. 28) durante a vida, “à medida que os valores vão sendo construídos, se organizam em um sistema”. Para alguns, determinado valor será mais central, enquanto que em outros indivíduos esse mesmo valor será mais periférico a depender da situação instituída. Pode-se citar como exemplo a honestidade.

Em uma circunstância hipotética na qual percebe-se que a atendente deu o troco errado, podemos citar duas situações diferentes: Ao usar o recebimento do troco a mais uma pessoa, sentir-se-á desconfortável com esse valor excedente e retornará ao local para devolvê-lo e enquanto não o fizer se sentirá mal. Enquanto que uma outra pessoa, seja porque está precisando ou por não se importar com o outro ela poderá ficar com o dinheiro. Neste sentido, para o indivíduo que devolveu o troco que veio a mais, o valor da honestidade será central, ou seja, acima de qualquer eventualidade. Em contrapartida o sujeito que não fez a devolução da quantia recebida a mais, mesmo que se julgue honesto, o valor honestidade para tal é periférico, isto é, circunstancial.

De acordo com La Taille (2010), moral é um conjunto de regras e preceitos que está presente nas relações de determinado grupo de pessoas podendo variar de acordo com a cultura deste. Regras estas que vão direcionar tais interações sendo, portanto, estes valores morais comunicados logo nos primeiros anos de vida do sujeito. Cada pessoa aperfeiçoa tais valores, em sua vida, a partir das experiências sociais, podendo forjar em si mesmo valores morais.

Entende-se que “os valores morais são resultantes de projeções afetivas feitas nas interações com o mundo” (ARAÚJO, 2007, p. 20), neste sentido a emoção atua na formação precoce do sentido moral, ou seja, quando há um envolvimento afetivo com o outro se torna possível à compilação de tais informações e apropriação da mesma.

O desenvolvimento humano constrói-se na relação com o mundo, evoluindo com a participação efetiva dos adultos. Assim, a moralidade humana para La Taille (2019) é o cenário por excelência em que afetividade e razão se encontram. Neste sentido, essa dimensão é compreendida como perspectiva de desenvolvimento, muito se tem discutido a respeito das questões morais e de como ela avança, de forma que vários teóricos, ao longo da história, investigam a respeito. Ainda, de acordo com La Taille (2007) é possível salientar que entre as teorias que se destacam a respeito do tema de desenvolvimento moral estão a de Jean Piaget e de Lawrence Kohlberg.

La Taille reafirma sobre ambas as teorias que:

Trata-se de duas teorias dedicadas à evolução do juízo moral, de influência incontestada na história da Psicologia Moral, e que são sustentadas por

inúmeras pesquisas empíricas com crianças, adolescentes e adultos, realizadas nos quatro cantos do mundo (LA TAILLE, 2007, p.15).

Jean Piaget (1896-1980) foi um biólogo e cientista suíço que revolucionou os estudos sobre o processo de aquisição de conhecimentos pelo homem, mais particularmente o da criança. Para Piaget "toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras" (Piaget, 1994, p. 23). Em seu livro *O juízo moral na criança*, Piaget (1994), traz uma análise dos comportamentos das crianças, observados por ele através dos jogos de bolinhas de gude, onde ele pode examinar como as crianças praticavam as regras. Através de suas análises Piaget (1994) discorre sua teoria, tanto sobre as práticas das regras como se dá a consciência das mesmas. A respeito das práticas das regras ele separa em estágios, de acordo com sua idade e desenvolvimento cognitivo, sendo estes: motor individual, egocentrismo, cooperação nascente e codificação das regras. Sobre a consciência das regras ele a especifica nas fases de anomia, heteronomia e a autonomia.

No primeiro estágio na prática de regras, a qual Piaget (1994) chama de motor e individual, dá-se do zero aos dois anos. Também identificado cognitivamente como estágio sensorio- motor, nele a criança manuseia as bolinhas como convém a sua própria vontade e de acordo com suas práticas motoras. Neste estágio não há uma prática social e a criança age ainda com certa individualidade seguindo seu próprio ritual, sem regra estabelecida. Suas ações são regidas pelas sensações que lhe são proporcionadas. Como um bebê ao brincar com um móvel pendurado em seu berço, mesmo não entendendo como este funciona, ele o manuseia, pela sensação que este lhe traz. Da mesma forma se algum objeto não lhe produz uma sensação prazerosa, ele o rejeita.

O segundo estágio, o "egocentrismo", vai de acordo com o autor, dos dois aos cinco anos e nele as crianças seguem as regras já pré-estabelecidas externamente e simplesmente imitam o que lhe foi passado sobre o jogo. Não há a preocupação de ganhar ou interesse em parceria no jogo e as regras são usadas de forma individual. E mesmo brincando coletivamente, jogam cada uma por si. Predomina o egocentrismo, pois não há um entendimento abstrato do que seja se colocar no lugar do outro, sua cognição é pré-operatória, onde sua visão de realidade não é completa, fazendo com que ela dê prioridade a fatores que lhe sejam significativos.

Deste modo, ou imitam os outros ou usam seu próprio modelo individual (PIAGET, 1994).

Já por volta dos sete, oito anos surge o terceiro estágio denominado de cooperação nascente. Cognitivamente este estágio é o das operações concretas, onde o desenvolvimento da lógica se inicia, e ela passa a estruturar as situações, para assim relacioná-las com a realidade do momento. Nesse estágio nasce a necessidade de ganhar, e juntamente a isso a importância de regulamentar as regras. E mesmo que, se separados cada um dará, como lhe convém, uma regra para o jogo, surgindo a importância de chegar a um denominador comum de como o mesmo funcionará, ou seja, suas ações não são tão regidas pela praticidade, mas é necessário sistematizar as idéias antes de estabelecê-las (PIAGET, 1994).

Finalmente o quarto estágio, surge a partir dos onze ou doze anos, e acontece a codificação das regras. Aparece durante as operações formais, onde as crianças passam a aceitar novos pontos de vista e são capazes de pensar melhor diante das situações vivenciadas. A partir deste estágio surge o nascimento de novas regras, pois a possibilidade de mudança já não é negada. O prazer da disputa existe, porém é necessário que haja interação em relação às regras, até mesmo para que o jogo aconteça. É imprescindível, não apenas estabelecer regras como praticá-las corretamente (PIAGET, 1994).

Passa-se agora a descrever as três fases acerca da consciência das regras a anomia, heteronomia e autonomia e como estas surgem e se desenrolam no desenvolvimento moral da criança.

A partir da leitura do livro *O juízo Moral na Criança* de Piaget compreende-se que na anomia não há conhecimento de regras. A regra é motora e feita sem consciência, sem obrigatoriedade. Entendemos que a mesma é um movimento que acontece de acordo com os seus hábitos e interesses motores, não há conhecimento ou discernimento do que é bom ou mau, do que é virtuoso ou não (PIAGET, 1994).

Já a heteronomia é a fase de vida infantil que abrange em média dos dois aos doze anos, nela a criança tem a capacidade de ouvir e entender as regras colocadas pelos outros com maior facilidade. É a fase também conhecida como de maior

obediência. As regras e deveres são coercitivos, não há uma elaboração consciente das obrigações, apenas se cumpre exigências (PIAGET, 1994).

Destaca-se que a entrada no âmbito moral se dá no desenvolver da heteronomia, de acordo com Piaget (1994), a fase do “realismo moral”, haja visto, como já citado, que a criança ainda não compreende a regra ela apenas aceita, uma vez que fora imposta por alguém que exerce autoridade sobre ela. Ademais, a proporção de um ato é medida pela consequência e não por sua intenção. Dessa forma, o realismo moral é promovido pela união do egocentrismo com a coação, onde o respeito a autoridade é unilateral segue dois termos: amor e medo. Sem que seja imposto algum tipo de controle, disciplina, entre outros, acredita-se que ocorrerá desordem.

Na fase da autonomia, a criança passa a perceber que regras podem ser modificadas conforme a necessidade, como por exemplo para um bom relacionamento social. Nessa fase o respeito passa a ser mútuo, ou seja, adultos e crianças passam a experimentar uma relação, onde o adulto ainda age com autoridade, e a criança reconhece isso, porém não há coação (PIAGET, 1994)

Segundo Piaget (1994) essas três fases morais se desenvolvem a partir do respeito. Inicia-se uma relação de respeito unilateral, baseado em regras impostas, até se tornar recíproco. O egocentrismo vai dando lugar a cooperação e mesmo que não haja uma autoridade presente, a criança passa a cumprir os deveres, consciente da necessidade e significado dos mesmos.

Importante destacar que para Piaget (1994), ninguém é absolutamente heterônomo ou autônomo, é apenas uma forma de pensar a moral, passando do respeito unilateral para o respeito mútuo. Essa possibilidade se dá por meio das relações sociais.

Tomando o trabalho de Piaget (1994) como ponto de partida, Lawrence Kohlberg (1927-1987), psicólogo americano, pesquisou também sobre o desenvolvimento moral e cognitivo das crianças. Porém, ao invés de jogos e brincadeiras ele usava entrevistas com dilemas morais, nos quais crianças e adolescentes apresentavam soluções e explicavam o motivo pelos quais às tomou. Ele concluiu então, que os conceitos propostos por Piaget (1994) sobre heteronomia e autonomia não eram totalmente satisfatórios para classificar todos os tipos de raciocínio moral. Assim,

Kohlberg (1992) em sua teoria, difundiu três níveis de desenvolvimento moral, subdividido em seis estágios.

O “Nível Pré-Moral” para Kohlberg (1992) é baseado em necessidades individuais da criança, é o nível mais básico da relação social humana. Neste nível estão estabelecidos os dois primeiros estágios da moral. No primeiro estágio a obediência só é seguida por medo da punição e as regras são imutáveis. Já no segundo estágio o indivíduo age de modo egocêntrico, ainda que ingenuamente, sem pensar no outro. A criança considera a ação pela consequência e não pela intenção.

No segundo nível, intitulado de “Nível Convencional”, Kohlberg (1992) salienta que o indivíduo se baseia no desempenho correto dos papéis a ele instituído e no atendimento das expectativas. Neste nível está presente o estágio três, onde a criança busca agradar os outros e ser aceito em grupos, seguindo a orientação do tipo “bom menino”, ou seja, age para agradar e ser reconhecido. É neste nível que também encontramos o estágio quatro, nele a criança passa a ampliar sua visão e preza pela ordem social, passando a considerar o que é importante não apenas para si como também para o outro, além de orientar-se para a manutenção da autoridade.

O último nível, nomeado de “Nível Pós-Convencional”, para Kohlberg (1992) é o mais completo dos níveis, no qual o indivíduo toma a moralidade por princípio universal. É aqui que chegamos ao estágio cinco, onde a orientação é do tipo contratual legalista, isto é, entende-se a razão da existência das leis e dos contratos sociais operantes como também passa a ponderar os direitos individuais. E finalmente, também neste nível encontra-se o estágio seis. Neste estágio a pessoa tem a consciência lógica e operante, cria seus próprios princípios éticos de forma racional, aplicando-o a si próprio e aos demais. O autor define que esse nível se origina no final da adolescência e pode se estender durante toda a vida de uma pessoa.

Ou seja, todo e qualquer ensino moral para Piaget (1994) ou Kohlberg (1992) pretende justamente produzir nas crianças capacidade de regular seus sentimentos, seus desejos, seus comportamentos em nome de um ideal social atrelado a sua faixa etária. E mesmo que o desenvolvimento seja medido pela idade, cada indivíduo é único podendo ter seus próprios desdobramentos. É nesse sentido que as interações criança-família e criança-escola precisam se desenvolver.

## **SOCIALIZAÇÃO**

Para Abrantes (2014) a socialização é um processo fundamental para a inserção do ser humano em sociedade. Sendo que no convívio com outros, há uma apropriação de valores que propicia a participação destes com o meio social. A socialização pode ser compreendida como um processo em que o indivíduo é inserido no convívio social, assimilando e interiorizando orientações e modos de ser importantes para o coletivo. E neste sentido Piaget (2013) concorda que o coletivo atua influenciando o indivíduo, pois há novas proposições de valores que são reguladas pelo meio social.

Apesar de não haver conformidade entre as teorias em psicologia, Brazão (2015), indica progressivo reconhecimento do afeto como agente mediador nas relações intersubjetivas. Neste sentido o afeto se constitui como fator relevante para o desenvolvimento e socialização infantil. Ainda ressalta a importância do afeto, desde a mais tenra idade, no ambiente de interação dos infantis. Araújo (2007) também considera o desenvolvimento moral como resultado do afeto na socialização da criança.

Para Piaget (2013) todo indivíduo nasce inserido em algum grupo social e este grupo, que o acompanha, passa a ser fonte de várias informações a qual usará ao longo da vida. Para ele o meio social age sobre o ser humano, modificando seus pensamentos, propondo novos valores e o transformando.

Existe algumas condições importantes que guia o indivíduo a moral autônoma; a relação social se torna fundamental no que diz respeito a tomada de consciência da atividade, no sentido de converter os equilíbrios comuns práticos inerentes a qualquer ação cognitiva em regras precisamente ditas (MONTROYA, 2017). As relações dispostas, tanto unilateral como de coação, entre adultos e crianças vão colaborar na regulamentação de um primeiro controle moral de característica heterônoma. Este autor, ainda pontua que este primeiro controle não basta para suprimir o egocentrismo infantil estabelecendo a moral verdadeira. E diz que a cooperação é o modo essencial de transferência coletiva e neste sentido

proporciona o discernimento das normas recíprocas. Normas estas que se relaciona com socialização.

Casagrande (2017) afirma que a interação do indivíduo com seu meio influencia diretamente no processo de aprendizagem, pois este ocorre simultaneamente com o desenvolvimento cognitivo e a aquisição da moral. Tanto Casagrande (2017) como Mielnik (1977) vão concordar que é no pertencer à coletividade que o indivíduo vai incorporar e estruturar valores e normas. Para Alves (2016), é no processo de socialização que o sujeito tende a se tornar autônomo, podendo seguir as regras, não apenas por medo, mas pela consciência de estar fazendo o melhor para si e pela sociedade em geral.

## **OS RESPONSÁVEIS PELO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Souza e Andrada (2013) descrevem o indivíduo como biopsicossocial em que um é causa e efeito do outro. Pois os seres humanos tornam-se morais a partir da interação com o meio social. Visto que ao nascerem não possuem condições de julgar entre o certo e errado, ou bem e mal: a competência de julgar e avaliar se aprimora no decorrer da socialização.

Durante as etapas do crescimento, a criança é inserida em inúmeros ambientes, e os resultados dessas interações, ao longo do desenvolvimento, cooperam para sua formação moral. Em seu livro “O juízo moral na criança”, Piaget (1994) a respeito do desenvolvimento da moral na criança, declara que a participação de adultos é de muita relevância, para os tornar adultos autônomos. Isto é, que se desenvolvam moralmente, a fim de se relacionarem bem consigo e com os outros. Ou seja, todo e qualquer ensino moral pretende justamente produzir nas crianças capacidade de regular seus sentimentos, seus desejos, seus comportamentos em nome de um ideal social.

Alencar et al (2014) afirma que a escola e a família formam um relevante contexto desenvolvimental para o indivíduo nelas inserido. Em ambas deve haver um trabalho em conjunto que facilite tanto o aprendizado quanto o desenvolvimento moral do mesmo, ou seja, tanto a família como a escola fazem parte deste processo.

Entende-se, a partir de Veloso, Veiga e Paiva (2018) que a identidade de um indivíduo é definida através de sua introdução no mundo, suas vivências e interações sociais. É nesse processo de contato com o outro que o ser humano se descobre como ser biológico e social, capaz de identificar tanto sua singularidade quanto às características que partilha com outros. Consoante aos autores, com o aperfeiçoamento da compreensão biológica e psicológica, há o entendimento de que não há possibilidade de constituir-se como ser humano sem levar em conta a ordem da vivência social. O desenvolver de suas habilidades individuais está atrelado a forma como ele interage com o mundo a sua volta.

## **Família**

Para Lobo e Lobo (2012) a família é o âmago dos elos ativos, é a partir dela que se formam condições para o desenvolvimento do indivíduo. As autoras afirmam que a família tem influência no potencial de relação e de desenvolvimento do sujeito e que a baixa relação familiar pode ter uma consequência negativa sobre vários aspectos no comportamento e pensamento do mesmo.

O mesmo pode-se ver com Coll, Marchesi, Palacios (2004), pois para estes a forma de lidar com emoções e o aprendizado de sua regulação depende de como se dá os processos de socialização e trocas afetivas que a criança tem em seu ambiente familiar. Os autores pontuam que a família é “o contexto mais habitual” em que as crianças se desenvolvem e que é a base de seu desenvolvimento pessoal. Indicam ainda que, no processo de socialização familiar, as práticas educativas dos pais sobre os filhos sofrem influências tanto intrafamiliar quanto extrafamiliar e não podem ser compreendidas sem levar em conta as “características específicas de cada situação” e dos participantes da mesma.

Ao longo dos anos a família passou por várias modificações em sua estrutura que hoje podem ser classificadas como “famílias monoparentais, famílias ampliadas, famílias reconstituídas e famílias homoafetivas, entre outras” (SILVA et al, 2015). E mesmo passando por várias modificações, a família mantém em sua estrutura elos de afinidade ou convivência, mantendo como centro as relações entre seus membros e o modo como os valores são passados entre eles.

Dias (2011) aponta que o modelo tradicional de família que continua presente não é referência única, a mesma, como citado acima, possui uma infinidade de formatos, passando pelas dificuldades temporais e ainda assim mantém em sua estrutura nuclear a base que serve a sociedade. A mesma passou por várias transformações, mas não deixou de ter sua importância no desenvolvimento do indivíduo.

O tipo de socialização que os pais utilizam, de acordo com Borges e Salomão (2015), tem forte influência com valores e normas culturais de seu contexto e com o ambiente em que a família está inserida. Neste sentido Mendes e Pessoa (2013) reconhecem costumes e contextos como meio importante para ser considerado no que diz respeito ao desenvolvimento de seus indivíduos.

De acordo com Benvenut, Oliveira e Lyle (2017) as primeiras relações afetivas são as mais importantes, para que as relações seguintes sejam desenvolvidas com maior qualidade. Para Mendes e Pessoa (2013) a afetividade tem sido considerada fundamentais para a qualidade das relações iniciais, que se revelam como um contexto propício ao desenvolvimento afetivo e social. Como campo de socialização primária, a família, tem seus papéis pré-definidos. Neste ambiente a criança se identifica com determinados papéis. Interioriza atitudes deste campo de vivência em um processo contínuo. Os autores acima referidos, entendem o desenvolvimento humano como resultados das relações estabelecidas afetivamente. Tanto Piaget (1994) como Coll, Marchese e Palacios (2004) concordam que a afetividade exerce papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, sendo que este último está relacionado ao desenvolvimento moral. Para Piaget (1994) é na relação com os iguais que a criança desenvolve autonomia.

Vários autores têm discutido sobre a autonomia no desenvolvimento dos filhos como fator determinante de socialização. Além de considerar a influência dos filhos na socialização e criação de regras, ou seja, uma relação de respeito mútuo entre pais e filhos, como descrito por Piaget (1994). Lahire (2015) compreende, ainda, que tanto a família como a escola funcionam como instituições socializadoras que mantêm relação estreita entre si.

## **Escola**

As relações sociais de coação e cooperação são de extrema importância para a evolução moral dos seres humanos e a escola é um espaço por excelência em relações interpessoais. As intervenções realizadas nas escolas se constitui de grande relevância para os alunos, visto que provocam nos educandos consequências significativas na construção de valores morais e sociais do indivíduo em formação.

De acordo com Biesta (2012) e Stella (2009) uma das principais funções da escola é a de socializar. Para Biesta, é através desta que passamos a ser membros e parte de ordem sociais, culturais e políticas. Stella (2009) reitera que a mesma tem atribuição essencial na existência e desenvolvimento dos seres humanos e acredita que a escola representa uma interrupção com o ambiente doméstico.

Biesta (2012) ainda cita que mesmo que a socialização não seja o objetivo específico da escola, ela ainda funciona como tal, pois as práticas educacionais não só inserem o sujeito em seu modo de agir e ser, como também desempenha um papel relevante na perpetuidade de tradições e culturas, o que pode auxiliar no manejo de suas atitudes, sejam estas desejáveis ou não.

Ambos autores afirmam que a transmissão de valores também está presente nessa socialização. Entende-se assim, que o ambiente escolar pode proporcionar à criança o início de uma análise de suas práticas através das várias formas de interação vividas por ela nesse ambiente, uma vez que é neste lugar que a mesma passa boa parte do seu tempo.

Para Lemos e Batista (2017) a interação professor-aluno influencia nos comportamentos dos infantis, pois no ambiente escolar acontece tanto a transmissão de conhecimentos acadêmicos, como também trocas de afetos e cuidados. Cuidados estes que os adultos inseridos nestes ambientes podem prover. Pois muitas crianças buscam nos professores auxílio de algumas carências, reiterando assim o entendimento de Araújo (2007), sobre valores e a importância do afeto, na construção dos mesmos na interação da criança com os meios.

Ainda de acordo com Lemos e Batista (2017) a socialização da criança na escola, passa pela via da regra e exigência, onde a interação entre eles, de aluno e professor, liderado e líder, onde as regras e normas vão reger a interação entre

ambos. Para os autores, as atitudes, exigentes, dos professores que controlam os comportamentos dos alunos, podem dar mais “parâmetros e direção para as crianças”, uma vez que em diversos ambientes sociais, são impostas regras para serem seguidas. Dessa forma, podemos supor que, se na escola desde a mais tenra idade, o indivíduo aprende que precisa obedecer às regras e normas, é possível que ao longo de seu desenvolvimento, em outras interações, ela terá mais facilidade em lidar com autoridades que estão sobre ele.

Goergen (2001) relata que a questão da moral no ambiente escolar, traz o sentido de “introduzir” professores no contexto do debate ético, com o fim de alimentar, através de debates e diálogos, a sensibilidade para “as questões morais” e formação da subjetividade. Há de se considerar que falar sobre desenvolvimento moral no ambiente escolar, requer planejamento de ações que beneficiam o desenvolvimento das crianças (FERREIRA et al, 2019). Pois o ambiente escolar também funciona como meio na construção de valor para as crianças, visto que se elas verificarem, neste local, significação relativo ao que é apresentado, este lugar passa a ser importante na sua formação enquanto indivíduo (ARAÚJO, 2007).

Mesmo enfrentando dificuldades e desafios, é preciso admitir que os recursos usados nesse ambiente são indispensáveis à formação do sujeito. É fundamental, que ao conhecer a escola e sua funcionalidade, mobilizar outros princípios que sejam promotores de saúde e bem-estar, “tais como as redes sociais com a comunidade escolar, os profissionais da escola – psicólogos pedagogos e orientadores educacionais, que são gabaritados (ou deveriam ser) para realizar intervenções coletivas” (DESSEN; POLONIA, 2007, p 29).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao refletir sobre o conceito de infância que é recente, pode-se afirmar que várias mudanças ocorreram até os dias atuais, principalmente na conceituação e formação da família. Além da busca do que é ser criança e as definições das etapas de seu crescimento, pois ao longo do seu desenvolvimento a criança passa por um processo, inclusive em seu desenvolvimento moral. Para que haja uma eficiência no desenvolvimento moral da mesma, é preciso que em suas interações a criança

passa de uma relação de coação para uma relação de cooperação e respeito mútuo, ou seja, tomando consciência das regras, passando da anomia até a autonomia.

Neste sentido entende-se a importância da inserção da criança no meio social a fim de que haja desenvolvimento moral, pois constata-se que é a partir da socialização que se desenvolvem as relações de cooperação, seja ela nas interações com adultos ou com iguais. E o que fica interiorizado nelas, ao longo de sua evolução, é resultado dessas interações.

Do mesmo modo compreende-se que através da socialização, principalmente mediada pelo afeto, que a criança, ao longo de seu crescimento, agrega normas e valores de forma autônoma. Acerca de valores esperados como resultados de projeções afetivas geradas nas diversas interações pode-se concluir que durante as etapas do crescimento, a criança é inserida em inúmeros ambientes, sendo estes importantes para seu desenvolvimento.

Entende-se da mesma forma, que as teorias de Piaget e Kohlberg, se destacam a respeito do desenvolvimento moral e auxiliam no entendimento de como este ocorrerá no decorrer das etapas. Norteados pais e educadores interessados em compreender cada período do desenvolvimento infantil e a partir desta compreensão, auxiliá-los a direcionar as crianças há um desenvolvimento moral eficaz.

Bem como aos psicólogos que atuam juntamente ao público infantil, atuação essa que pode demandar em sua prática, avaliação e diagnóstico. Pois entende-se que a compreensão, não só, da importância e influência da socialização na vida das crianças, mas também de como ela se dá e igualmente o entendimento dos diversos aspectos do desenvolvimento moral, tal como estágios da infância, são fundamentais para que estes profissionais busquem ferramentas metodológicas e teóricas que sejam eficientes em suas intervenções.

Assim, conclui-se, que tanto a família como a escola são os principais elos que contribuem na socialização da criança para o seu pleno desenvolvimento moral como cidadãos. Neste sentido é de extrema importância que todos os atores envolvidos nas interações da criança estejam engajados a fim de que os pequenos estejam cercados de cuidado, pois destes dependem o futuro.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Pedro. De como escrevemos a vida e a vida se inscreve em nós: um estudo da socialização através da análise de autobiografias. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 35, n. 126, p. 111-127, mar. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302014000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302014000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 29 out. 2019.

ALENCAR, Heloisa Moulin de; MARCHI, Barbara Frigini de; COUTO, Leandra Lúcia Moraes; ROMANEL, Mariana Santolin; LIMA, Mayara Gama de. Educação em valores morais: juízos de profissionais no contexto escolar. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 255-264, ago. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572014000200255&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572014000200255&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 29 out. 2019.

ALVES, Ariadne D. Amor e sua relação com generosidade: Estudo com adolescentes sob ótica da moralidade, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016, ES Disponível em : [http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_6858\\_TESE%20ARIADNE.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_6858_TESE%20ARIADNE.pdf). Acesso em 09 de nov. de 2019.

ARAÚJO, Ulisses F. A construção social e psicológica dos valores. In: *Educação e valores: pontos e contrapontos*. Ulisses F. Araújo, Josef Maria Puig; Valéria Amorim Arantes, organizadora. – São Paulo: Summus, 2007. – (Coleção pontos e contrapontos). 164p.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar. 1981. 224p.

BARRÈRE, A; SEMBEL, N. *Sociologia da escola*. São Paulo: Edições Loyola, 2006 (p.17). Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=8pcGzYSPB5QC&pg=PA15&dq=escola+com+o+processo+de+socializa%C3%A7%C3%A3o&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwia97Pc1brhAhWGneAKHY2iDY8Q6AEIODAD#v=onepage&q=escola%20como%20processo%20de%20socializa%C3%A7%C3%A3o&f=false>. Acesso em 05 de abr. de 2019.

BENVENUTI, Marcelo Frota Lobato; OLIVEIRA, Thais Porlan de; LYLE, Leticia Albernaz Guimarães. Afeto e comportamento social no planejamento do ensino: a importância das consequências do comportamento. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 368-377, dez. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010365642017000300368&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642017000300368&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 de out. 2019.

BERGER, Kathleen Stassen: *O desenvolvimento da pessoa - Do nascimento à terceira idade*. Kathleen Stassen Berger; tradução Dalton Conde de Alencar; revisão técnica Cláudia Henschel de Lima. - [Reimpr]. - Rio de Janeiro: LTC, 2016. 569p.

BIESTA, Gert. Boa educação na era da mensuração. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 42, n. 147, p. 808-825, dez. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742012000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 de out. de 2019.

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMAO, Nádia Maria Ribeiro. Concepções de desenvolvimento infantil e metas de socialização maternas em contexto não urbano. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 20, n. 2, p. 114-125, jun. 2015. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413294X2015000200114&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2015000200114&lng=en&nrm=iso). Acesso em 19 set. 2019.

BRAZAO, José Carlos Chaves. A Implicação do Afeto na Psicologia do Desenvolvimento: uma Perspectiva Contemporânea. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 342-358, jun. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932015000200342&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200342&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 out. 2019.

CASAGRANDE, Cledes Antonio; HERMANN, Nadja. Identidade do eu em contextos plurais: desafios da formação. *Pro-Posições*, Campinas, v. 28, supl. 1, p. 39-62, dez. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072017000400039&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000400039&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 out. 2019.

COLL C.; MARCHESI A.; PALACIOS J. (org.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 470p.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, abr. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 de out. de 2019.

DIAS, Maria Olímpia. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica - o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, n.19 (2011), 139-156 Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/9176>. Acesso em 07 de mar. de 2019.

FERREIRA, Lazenclézia Teodoro; FREITAS, Patrícia França Neto; SOUZA, Pedro Henrique Simonelli de; ALVES, Ariadne Dettmann. Virtudes morais na escola. *Revista Científica Doctum: Multidisciplinar*. v. 2, n. 3, nov. 2019. Edição Especial, PIC. ISSN: 2595-1629. Disponível em <http://revista.doctum.edu.br/index.php/multi/article/view/333>. Acesso dia 06 de nov. de 2019.

GOERGEN, Pedro. Educação moral: adestramento ou reflexão comunicativa?. *Educ. Soc., Campinas*, v. 22, n. 76, p. 147-174, out. 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302001000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302001000300009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 09 de abr. de 2019.

KOHLBERG, L. *Psicologia del desarrollo moral*. Bilbao Spain: Desclée de Brouwer. 1992.

LA TAILLE, Yves de. Desenvolvimento humano: contribuições da psicologia moral. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 11-36, mar. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010365642007000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642007000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 09 de abr. de 2019.

LA TAILLE, Yves de. Moral e Ética: uma leitura psicológica. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 26, n. spe, p. 105-114, 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722010000500009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 09 abr. de 2019.

LA TAILLE, Yves. Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In: *Teorias psicogenéticas em discussão/ LA TAILLE, Yves de, Piaget,*

Vygotsky, Wallon: *Teorias psicogenéticas em discussão*/ Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. - São Paulo: Summus, 2019. 175p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: Projetos de pesquisa. Pesquisa bibliográfica. Teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAHIRE, Bernard. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. spe, p. 1393-1404, dez. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151797022015001001393&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022015001001393&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 29 out. 2019.

LEMOS, Jéssica Michelis; BATISTA, Ana Priscila. Relação entre autoconceito de crianças e estilos de liderança de professores. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 21, n. 1, p. 53-63, abr. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141385572017000100053&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572017000100053&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 13 de out. de 2019.

LOBO, Fátima; LOBO, Mercês. Clima social na família e estilos de pensar criar. *Estud. Psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 341-351, set. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103166X2012000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2012000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19 de set. de 2019.

MENDES, Deise Maria L. Fernandes; PESSOA, Luciana Fontes. Affective communication in parental care. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 18, n. 1, p. 15-25, mar. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141373722013000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722013000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 nov. 2019.

MIELNIK, Isaac. *O comportamento infantil: técnicas e métodos para entender crianças*. São Paulo, IBRASA, 1977. 261p.

MONTOYA, Adrián Oscar Dongo. Prática e teoria no desenvolvimento: questão da tomada de consciência. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 21, n. 2, p. 235-244, Aug.

2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572017000200235&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572017000200235&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 dez. 2019.

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. 2a ed. São Paulo: Summus, 1994. 302p.

PIAGET, Jean. *A psicologia da inteligência*. Jean Piaget; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 253p.

PUIG, Josep Maria. Aprender a viver. In: *Educação e valores: pontos e contrapontos*/ Ulisses F. Araújo, Josef Maria Puig; Valéria Amorim Arantes, organizadora. - São Paulo: Summus, 2007. - (Coleção pontos e contrapontos).164p.

SILVA, Mônica Magrini de Lima; FRUTUOZO, Juliana Fernandes Furlan; FEIJÓ, Marianne Ramos; VALERIO, Nelson Iguimar e CHAVES, Ulisses Herrera. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 677-692, set. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413389X2015000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2015000300012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 de out. de 2019.

STELLA, Claudia. Aprisionamento materno e escolarização dos filhos. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 21-28, jun. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141385572009000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572009000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 out. 2019.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; ANDRADA, Paula Costa de. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. *Estud. Psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 30, n. 3, p. 355-365, set. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103166X2013000300005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2013000300005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 de out. de 2019.

VELOSO, Geisa Magela; VEIGA, Cynthia Greive; PAIVA, Maria Aparecida. Escola Nova em Montes Claros: apropriações e significados atribuídos à individualização e à socialização (1920-1930). *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 23, e230054, 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782018000100247&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100247&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 29 out. 2019.

